



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da força de trabalho**

## **O TRABALHO HOME OFFICE E AS MULHERES.**

**JULIANA TAMIRES CUNHA MORGADO DOS SANTOS <sup>1</sup>**

**CLAUDIA MAZZEI NOGUEIRA <sup>2</sup>**

### **Resumo:**

O artigo analisa como o trabalho home office atual contribui para a opressão patriarcal e a precarização, fazendo um paralelo com Silvia Federici, refletindo sobre as leis dos cercamentos e seus impactos nas formas de trabalho na sociedade capitalista que perpetuam a desigualdade de gênero.

**Palavras-chave:** trabalho; mulheres; home office;

### **Abstract:**

The article analyzes how current home office work contributes to patriarchal oppression and precariousness, drawing a parallel with Silvia Federici, reflecting on the laws of enclosures and their impacts on forms of work in capitalist society that perpetuate gender inequality

**Keywords:** work; women; home office

### **Introdução**

O presente artigo tece uma reflexão sobre as conjunturas em que o trabalho home office vem sendo apresentado em nossa sociedade atual e como algumas dessas condições podem contribuir para a opressão patriarcal e a intensificação da precarização do trabalho. No percurso metodológico realizamos uma reflexão teórica acerca da obra de Silvia Federici “Calibã e a bruxa: mulheres corpo e acumulação primitiva” especificamente o subitem “Caças às bruxas, cercamentos e o fim das relações de propriedade comunal” para examinar os impactos das leis

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo - Santos

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo - Santos



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

de cercamentos na Inglaterra sobre as mulheres e nas novas formas de trabalho que emergiram na sociedade pré-capitalista a partir da acumulação primitiva. Fizemos também uma breve análise em fontes públicas (sites de empresas, revistas eletrônicas etc.) para traçar um paralelo com as formas de trabalho contemporânea, como o trabalho home office, a fim de evidenciar que as condições desse formato podem reafirmar que o trabalho reprodutivo não remunerado é de responsabilidade feminina, acumulando com o trabalho produtivo assalariado, sobrecarregando as mulheres.

Essa reflexão teórica pretende brevemente tratar da particularidade histórica do sistema capitalista no mundo do trabalho baseado na desigualdade social, em exploração, dominação e diversas formas de opressão sendo uma delas o binômio de gênero e classe, que se aprofunda com o avanço das tecnologias e as “novas” formas de trabalho.

### **O trabalho na tradição marxista.**

Na sociedade capitalista, em uma conversa informal a maioria das pessoas ao falar sobre trabalho automaticamente pensam em assalariamento. No entanto, na tradição marxista o trabalho existe desde o momento em que o primeiro ser da espécie modifica a natureza para suprir sua necessidade de sobrevivência. Portanto, o trabalho é uma condição humana e “ o processo de trabalho deve ser considerado de início, independentemente de qualquer forma social determinada” (MARX, 2017 p.188), ou seja, não há sociedade sem trabalho, ele é intrínseco ao ser humano.

Dessa forma, o homem interage com o mundo natural e o transforma, de maneira consciente, para alcançar determinado fim. Sendo assim, o trabalho não é apenas a execução de uma tarefa pelo qual o ser humano adquire o controle da natureza, mas também é onde exercita o ato criativo, sendo capaz de antecipar idealmente o resultado por que planeja deliberadamente suas ações, direcionando-as para alcançar um fim previamente pensado,

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 2017, p.188).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Embora o trabalho exista desde o início da humanidade e seja essencial para a sobrevivência da espécie, ele sofre metamorfoses conforme o desenvolvimento histórico da sociedade que acaba por alterar as formas de produção, a divisão sociossexual do trabalho e outros interesses, extrapolando o seu objetivo inicial que era a questão da sobrevivência.

O trabalho além de ser fundante do ser social ele é o motor da história que vive em movimento, portanto, ele é fonte de transformação que, na maioria das vezes, não se dá de maneira harmoniosa. Se antes do capitalismo, por exemplo, em sociedade comunal rural a divisão das tarefas aparecia como forma de organizar o processo produtivo de modo a atender as necessidades imediatas, funcionando como uma forma de cooperação entre os membros, com o crescimento populacional, a complexidade das relações sociais, e o subsequente desenvolvimento urbano e a consolidação do sistema capitalista, essa divisão social antes cooperativa torna-se envolta de interesses e conflitos econômicos de classe, raça, gênero etc. reconfigurando o mundo do trabalho e suas bases.

### **Os cercamentos na Inglaterra e as mulheres: um breve diálogo com Silvia Federici**

Um dos elementos do desenvolvimento do sistema capitalista é a propriedade privada de bens, mercadorias e riquezas em posse de poucas pessoas. Na idade Média, a posse de terras estava ligada a lealdade, era do Senhor feudal, mas usada pelos servos que faziam a produção e moravam ali, ou seja, a terra não era considerada mercadoria. Portanto, não podia ser trocada como na sociedade capitalista.

A posse de terras pelos camponeses ocorria através do direito consuetudinário, que consiste nos conjuntos de costumes de uma comunidade considerando-os como leis, sem a necessidade de formalização escrita. Esses costumes, por serem respeitados há séculos, eram reconhecidos como normas jurídicas pela sociedade. O direito consuetudinário estava fortemente ligado à relação entre a terra e aspectos étnicos, religiosos, culturais, comportamentais e tradições de um povo. Dessa forma, a posse da terra não era vista como uma mera mercadoria, como no capital agrário, mas também como um fator de pertencimento e identidade.

Na Inglaterra a partir das Leis de Cercamentos temos o desaparecimento de aldeias inteiras, essas promulgações de leis legitimavam a propriedade privada, agora as áreas comuns de terras poderiam ser de uso exclusivo, colaborando assim, para a acumulação primitiva, isto é, a concentração de propriedades em prol de uma classe: a burguesia, principalmente a industrial que



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

no século XVII procurava se expandir escorada nas colônias e na produção de mercadorias para exportação, seguindo os princípios da balança comercial favorável. Para produzir essas mercadorias em grande quantidade era necessário o aumento significativo de matérias-primas e mão de obra. Essas regulamentações no processo de privatização da terra na Inglaterra era a “solução perfeita” para a burguesia industrial que com o deslocamento populacional e crescimento da área urbana ganhava uma mão de obra abundante e barata, ainda garantiria o desmantelamento do sistema feudal e a consolidação do sistema capitalista com sua classe atingindo o topo da camada social desse sistema tão desigual.

Silvia Federici em “Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais” defende a ideia de que os cercamentos tiveram consequências dissemelhantes para os gêneros, “Entretanto, concentro-me nos cercamentos ingleses porque estes demonstram mais claramente como a comercialização da terra e o crescimento das relações monetárias afetou, de formas diferentes, mulheres e homens “ (FEDERICI,2019,p.53) , o livro dela mostra para nós como durante a decolagem do sistema capitalista questões econômicas estiveram diretamente ligadas as formas de opressão. Segundo a autora,

As mulheres mais velhas foram as mais afetadas por esses acontecimentos, pois a combinação de alta de preços e perda de direitos consuetudinários as deixou sem ter de onde tirar o sustento, ainda mais se fossem viúvas ou não tivessem filhos e filhas com capacidade ou disposição para ajudá-las. Na economia rural da sociedade senhorial inglesa, em geral viúvas e pobres tinham subsistência garantida. (FEDERICI,2019, p.54)

Quando o capital transforma a terra em mercadoria, não apenas destrói a relação comunal com a terra, mas também utiliza a moralidade, discursos religiosos e científicos para estabelecer relações de poder que excluem certos agentes sociais, facilitando a acumulação de capital e a institucionalização da propriedade privada. Nesse processo, as mulheres foram especialmente prejudicadas. Seus saberes populares foram invalidados, sua sexualidade reprimida e foram rotuladas como subversivas e rebeldes. Os homens, com o apoio do Estado e da Igreja, não só tomaram as terras das mulheres, mas também usurparam seus direitos sociais, políticos e econômicos,

Seja como for, junto com as “bruxas” foram eliminadas crenças e uma série de práticas sociais/culturais típicas da Europa rural pré-capitalista que passaram a ser vistas como improdutivas e potencialmente perigosas para a nova ordem econômica. Era um universo que hoje chamamos de supersticioso, mas que, ao mesmo tempo, nos alerta para a existência de outras possibilidades de relação com o mundo. Nesse sentido, temos de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

pensar nos cercamentos como um fenômeno mais amplo que a simples separação da terra por cercas. Devemos pensar em um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza. (FEDERICI, 2019.p 58)

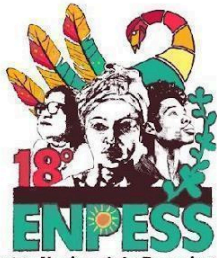
Por meio desse discurso ético, delineava-se o perfil de como uma mulher deveria ser na sociedade capitalista e, além disso, estabelecia-se o tratamento destinado àquelas que contradiziam a suposta ordem social e recusavam o papel imposto pelos homens. Dessa maneira sórdida, criavam-se os papéis e forjavam-se as "inimigas na sociedade",

Por meio da caça às bruxas, portanto, um novo código social e ético foi imposto, e isso tornou qualquer fonte de poder independente do Estado e da Igreja suspeita de diabolismo e provocou o medo do inferno – o medo do mal absoluto sobre a terra. O fato de ter sido comumente assumido que a personificação do diabo era uma mulher teve profundas consequências para a condição das mulheres no mundo capitalista que a caça às bruxas ajudou a construir. Dividiu as mulheres. Ensinou a elas que, ao se tornarem cúmplices da guerra contra as "bruxas" e aceitarem a liderança dos homens quanto a isso, obteriam a proteção que as salvaria do carrasco ou da fogueira. Ensinou-as, acima de tudo, a aceitar o lugar a elas designado no desenvolvimento da sociedade capitalista, pois, uma vez que fosse aceito que poderiam se tornar servas do diabo, a suspeita de diabolismo acompanharia a mulher por todos os instantes de sua vida. (FEDERICI, 2019.p.60)

A sociedade pré-capitalista, além de desapropriar pessoas de suas terras, retirar sua subsistência, destruir tradições, abalar a relação entre a humanidade e a natureza, expulsar as pessoas para a área urbana, utilizar de discursos religiosos e moralizantes como uma das justificativas para constituir a propriedade privada, também contribuiu para reforçar o patriarcado, definindo o espaço da mulher na sociedade capitalista e por consequência qual deveria ser o seu lugar no mundo do trabalho,

Apontar e perseguir as mulheres como "bruxas" preparou o terreno para o confinamento das europeias no trabalho doméstico não remunerado. Isso legitimou sua subordinação aos homens, dentro e fora da família. Deu ao Estado controle sobre sua capacidade reprodutiva, garantindo a criação de novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, as caças às bruxas estruturaram uma ordem especificamente capitalista, patriarcal, que continua até hoje, embora tenha se ajustado constantemente em resposta à resistência das mulheres e às necessidades sempre em transformação do mercado de trabalho. Com torturas e execuções a que as mulheres acusadas por bruxaria estiveram sujeitas, as demais logo aprenderam que, para ser socialmente aceitas, teriam de se mostrar obedientes e silenciosas e aceitar o trabalho pesado e os abusos masculinos. (FEDERICI, 2019.p 89)

O êxodo rural provocado pelos cercamentos consolidou o sistema capitalista ao deixar a população camponesa sem acesso ao meio de produção (a terra), impossibilitando-os de exercer



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

o processo produtivo. Isso forçou o deslocamento dos camponeses para as áreas urbanas, onde passaram a vender sua força de trabalho para a burguesia. Essa expulsão criou uma superpopulação urbana no qual a burguesia “ganha” mão de obra em abundância, pois o número de trabalhadores procurando trabalho supera a oferta de empregos. Dessa maneira, os capitalistas passam a escolher quais trabalhadores eles querem ou não dar emprego assalariado.

Segundo Marx, no capítulo 23 de “O capital” os salários são flutuantes, de acordo com o fluxo contínuo de absorção e expulsão da classe trabalhadora do mercado de trabalho,

Grosso modo, os movimentos gerais do salário são regulados exclusivamente pela expansão e contração do exército industrial de reserva, que se regem, por sua vez, pela alternância periódica do ciclo industrial. Não se determinam, portanto, pelo movimento do número absoluto da população trabalhadora, mas pela proporção variável em que a classe trabalhadora se divide em exército ativo e exército de reserva, pelo aumento ou redução do tamanho relativo da superpopulação, pelo grau em que ela é ora absorvida, ora liberada. (MARX, 2017, p.466)

Portanto, o capital não tem interesse em manter uma superpopulação de pessoas inaptas ao trabalho, seu interesse reside em ter uma massa populacional saudável e apta para o trabalho; nessa massa, uma parte está empregada e assalariada, enquanto a outra está desempregada ou informal, mas pronta para assumir empregos regulares caso surja a necessidade de mais trabalhadores assalariados. Essa demanda variável, ora enxuta, ora expansiva, é o que determina os salários. Nessa perspectiva, os capitalistas têm o controle dos salários podendo negociar baixas remunerações com altas cargas de trabalho, principalmente com as mulheres.

Nesse aspecto, a força de trabalho feminina para ser absorvida no mercado de trabalho remunerado é obrigada a atender o perfil esperado pelos empregadores (paciente, dócil, servil, meiga, esteticamente agradável etc.) para conseguir competir no mercado de trabalho com os demais e garantir sua subsistência. Assim, as “transgressoras” (lésbicas, mães solo, divorciadas e mulheres que não seguiam a conduta moralizante) eram/são forçadas a aceitar qualquer trabalho assalariado mal remunerado e precário que lhes fosse/é oferecido, ou então enfrentar a dependência patriarcal, a exclusão social e a pauperização.

É importante ressaltar que embora tenhamos nos focado na Inglaterra e em como os cercamentos afetaram as mulheres brancas e pobres na Europa destituídas de suas terras, sabemos que o desenvolvimento da noção de propriedade privada atingiu de maneira muito mais violenta e horrível as mulheres indígenas, asiáticas, latinas e negras, que além dos marcadores de gênero e classe, acrescentam os fatores racial e colonial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Após essa digressão iremos avançar no processo histórico indicando algumas metamorfoses que ocorreram na divisão sociosexual do trabalho na esfera da produção.

### **O trabalho home office e a questão de gênero.**

Como vimos na introdução, o trabalho humano existe desde antes do sistema capitalista, assim como o trabalho doméstico. No entanto, esse sistema nefasto, que criou o salário a partir da venda da força de trabalho, tem o poder de definir quais trabalhos devem ser remunerados ou não. Nesse contexto, o trabalho doméstico e os cuidados com a prole são considerados não remuneráveis e são empurrados como obrigações do gênero feminino.

À medida que o capital avança e necessita da mão de obra feminina na esfera pública, ele absorve essa mão de obra no mercado de trabalho formal assalariado de maneira precária. Mesmo assim, as mulheres continuam com a tarefa do trabalho não remunerado domiciliar.

O sistema movimenta a economia, a moral e o padrão social ao ponto de normalizar toda a sobrecarga imposta ao gênero feminino,

Para o capital, bem como para os homens lançados a condições precárias, o valor das mulheres reside cada vez mais na mão de obra barata que elas podem oferecer no mercado por meio da venda de seu trabalho e de seu corpo, não no trabalho doméstico não remunerado, que precisaria ser sustentado por um salário masculino estável no mercado, algo que o capitalismo contemporâneo está determinado a eliminar paulatinamente, exceto para setores restritos da população. O trabalho das mulheres no lar e como produtoras de novas gerações não desapareceu, mas não é mais uma condição suficiente para a aceitação social. Ao contrário, a gravidez é muitas vezes uma desvantagem, aumentando significativamente a vulnerabilidade das mulheres à violência, na medida em que os homens se ressentem da responsabilidade que a gestação acarreta. (FEDERICI, 2019, p.95)

Na citação acima, Federici aponta que o capitalismo contemporâneo vem de maneira sistemática eliminando o trabalho masculino estável o que colabora para a cobrança dos maridos sob suas esposas de que estas encarem o mercado de trabalho assalariado. Esta posição de instabilidade na qual o capital colocou no trabalho formal foi contribuindo ao longo dos anos para o aumento da presença masculina no trabalho informal e nos “novos” tipos de trabalho desenvolvidos a partir do avanço da tecnologia, tais como a uberização,

Aqui, o termo “uberização”, uma derivação do nome da plataforma de transportes Uber, é empregado como um processo no qual as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas e invisibilizadas, sendo o assalariamento e a exploração cada vez mais encobertos. Apresentado como uma espécie de generalização e espraiamento de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

características estruturantes da vida de trabalhadores da periferia, que transitam em uma trajetória de instabilidade e ausência de identidade profissional, permeados por insegurança e pela falta de redes convencionais de proteção. (LABRONICI,2021, p.1)

O trabalho por plataforma mantém a falácia de que a inexistência do vínculo empregatício formal através da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) propicia ao trabalhador a liberdade de fazer seu próprio horário de trabalho, inclusive além das horas extras permitidas pela legislação. Portanto, hipoteticamente ele que decide a hora de começar e terminar a jornada em contraponto a vigilância e tolerância do horário imposto pela CLT. Isso supostamente soa “democrático” pois, a plataforma além de “abraçar” o desempregado, agrega também o empregado que “decide” fazer dupla jornada para complementar o sustento da família.

As plataformas que oferecem trabalho mais acessadas pela população de baixa renda são as de motorista de aplicativo, entregador de comida e de encomenda, elas são majoritariamente compostas por homens,

Apesar disso, esse ambiente de trabalho brasileiro continua dominado pela figura masculina, já que apenas 6% dos 600 mil motoristas cadastrados são mulheres (Uber, 2020). Um dos fatores que contribui para esse cenário é a cultura, que não apenas reproduz como legítima estruturas sociais hierarquizadas e desiguais, criando estereótipos e imposições estigmatizantes à mulher na segmentação de tarefas, na atribuição e no exercício de cargos e funções. No caso da cultura brasileira, o modelo aristocrático da família patriarcal, estabelecido no período colonial, ainda persiste nas relações políticas e sociais contemporâneas, contribuindo para a dominação masculina e reforçando as desigualdades de gênero. (COLODETTI, MELLO,2021, p.873)

Esses dados nos levam novamente à constatação de que o trabalho fora da esfera da reprodução, ainda é dominado pelos homens mesmo de maneira informal. Além disso, se eles estão acumulando jornadas de trabalho através da uberização, isso significa que as mulheres continuam sobrecarregadas com o trabalho doméstico, fazendo "hora extra" nesse trabalho não remunerado. No Brasil por exemplo, país em que o salário-mínimo não sustenta uma família, a ideia da renda extra justificaria o aumento das horas de trabalho masculinas fora de casa. Esse é o maniqueísmo do capitalismo contemporâneo que se utiliza de questões econômicas de classe para aprofundar a opressão de gênero.

Mas, se o trabalho por aplicativos tem sua preferência pelo gênero masculino, pesquisas apontam que o trabalho home office no Brasil tem absorvido a força de trabalho feminina, principalmente após a pandemia da COVID-19. Em 08 de março data em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres encontramos diversas revistas eletrônicas populares e sites que se





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

dizem “guia de carreiras” com reportagens sobre o assunto abordando de forma positiva esse fenômeno, segue algumas:

Às vezes ele faz dever de casa na sala enquanto eu estou trabalhando. Eu tenho muito mais flexibilidade com ele por causa do trabalho do que eu tive com os meus filhos mais velhos, de 30, 29 e 27 anos, que era um tempo em que eu tinha que estar presencialmente no escritório. Passava 8, 9 horas por dia longe deles. Só essa presença faz muita diferença”. Graças ao regime home office, hoje a Môme conta com 47,13% dos funcionários fora de SP, sendo 20% mulheres.  
(REVISTA EXAME<sup>1</sup>,2024)

Aplicando a teoria à realidade, 38% das mães com filhos pequenos entrevistadas para a pesquisa “Mulheres no Local de Trabalho”, realizada pela McKinsey & Company em colaboração com LeanIn.Org, revelaram que, sem flexibilidade no local de trabalho, seriam compelidas a deixar a empresa ou reduzir suas horas de trabalho, o que significa a perda do poder financeiro. Em função disso, home office e modelo híbrido aparecem como uma preferência de 28% das mulheres entrevistadas pelo Datafolha. A título de comparação, a opção pelo trabalho totalmente presencial é mais expressiva entre os homens (48%) em comparação com as mulheres (41%).  
(MUNDO DO MARKETING<sup>2</sup>,2024)

Na Ellevo, neste 8 de março (e em todos os dias), celebramos as mulheres que fazem do trabalho remoto um sucesso, equilibrando a carreira com a educação e o crescimento de seus filhos e sua própria carreira. Ao apoiarmos a jornada dessas mulheres, reforçamos nosso compromisso com um futuro mais inclusivo e justo, onde cada mulher tem a oportunidade de prosperar profissionalmente sem comprometer a experiência da maternidade ou ainda seus estudos para o crescimento profissional e pessoal. Aproveitei a data para ter um feedback das minhas colegas de trabalho e reforçar o compromisso de, ao ser uma empresa com um modelo 100% online de trabalho, proporcionamos um ambiente mais equilibrado a elas.  
(ECONOMIA DE SANTA CATARINA<sup>3</sup>,2024)

Diversos estudos ainda estão sendo realizados sobre o impacto do home office e as questões de gênero. No entanto, para nós, o discurso de que esse formato de trabalho ampliou as vagas femininas, aumentou a progressão de carreira das mulheres e permitiu que elas não abandonassem o trabalho assalariado por conta da maternidade, entre outros pontos mencionados nas reportagens para legitimar essa forma de trabalho, é uma fachada sórdida da hipocrisia neoliberal. Essas declarações escondem o confinamento da mulher ao espaço privado, sobrecarregam-nas com tarefas domésticas, isolam-nas ao impedir o convívio com outras

---

<sup>1</sup> Revista Exame. Como a flexibilidade no trabalho ajudaram essas mulheres a chegarem em cargos de liderança? Disponível em:

<https://exame.com/carreira/como-o-trabalho-hibrido-e-home-office-ajudou-essas-mulheres-a-chegarem-em-cargos-de-lideranca/>

<sup>2</sup> Mundo Marketing. Mulheres lideram preferência por modelos de trabalho home office no Brasil. Disponível em:

<https://www.mundodomarketing.com.br/mulheres-lideram-preferencia-por-modelos-de-trabalho-em-home-office-no-brasil/>

<sup>3</sup> Economia Santa Catarina. Home Office e mulheres: elas ganham mais flexibilidade. Disponível em:

<https://economiasc.com/2024/03/05/home-office-e-mulheres-elas-ganham-mais-flexibilidade/>

mulheres, acentuam a solidão materna e dificultam a possibilidade de assimilar outras identidades para além de mãe e esposa, já que o seu local de trabalho se torna também o seu lar.

De acordo com os fundadores do Instituto Trabalho Portátil, localizado em Curitiba, que oferece consultoria técnica para empresas interessadas em implementar o trabalho remoto, as organizações podem economizar entre 30% e 70% com o trabalho domiciliar (BRIK e BRIK, 2013). No mesmo livro em que apresentam esses dados, também destacam como benefícios do trabalho remoto a oportunidade do trabalhador/a fazer uma refeição caseira com calma, reduzir o tempo de deslocamento, permitindo que esse tempo seja utilizado para esportes ou lazer, contribuindo assim, para a qualidade de vida das pessoas (BRIK e BRIK, 2013), sabemos que esses argumentos não apresentaram o recorte de gênero e raça, visto que o trabalho remoto para as mulheres diminui o tempo de deslocamento, contudo é absorvido e intensificado por outras tarefas não remuneradas como os cuidados com o lar.

Não pretendemos demonizar o trabalho remoto ou híbrido, mas queremos chamar a atenção para os passos históricos dados na transformação do mundo do trabalho, nos quais as mulheres foram frequentemente negligenciadas. Se não estivermos atentas às novas formas contemporâneas trazidas pela tecnologia, poderemos ser enganadas pelo discurso da inclusão de gênero no mercado de trabalho, que, no fim, tem como único objetivo a manutenção do sistema capitalista e dos privilegiados por ele.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo dessa reflexão teórica foi brevemente resgatar que os passos dados para a consolidação do sistema capitalista aconteceram com a violação do gênero feminino.

A partir da leitura de Silvia Federici, percebemos que a burguesia pré-capitalista utilizou discursos perversos para alcançar seus interesses. Além de expulsar famílias inteiras através das Leis de Cercamentos, aquelas que resistiam eram perseguidas com narrativas fantasiosas que empregavam discursos sobrenaturais para caçar mulheres, apropriando-se de suas terras e transformando-as em propriedade privada.

Silvia Federici destaca que essa narrativa contra as mulheres, contribuiu para expulsá-las da área rural, todavia serviu também para estabelecer uma moral e um padrão normativo de comportamento a ser seguido pelas “mulheres de bem”, que deveriam passar a viver conforme as regras impostas pelo novo sistema, aquelas que não o fizessem seriam punidas. As mulheres que



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

apresentavam um perfil compatível com a conduta esperada de uma trabalhadora na sociedade capitalista em formação seriam absorvidas pelo mercado de trabalho assalariado como mão de obra barata, sem nunca deixar de acumular as funções com o cuidado da casa, já que essas tarefas não remuneradas do âmbito privado domiciliar são vistas pela sociedade como um papel natural do gênero feminino.

Com o desenvolvimento dos meios de produção, a constante substituição de trabalhadores por máquinas e o avanço das revoluções técnico-científicas no mundo do trabalho, o desemprego tem se acentuado cada vez mais. Isso contribui para que os empregos restantes sejam oferecidos em condições precárias, com salários baixos, abrindo espaço para a informalidade e a plataformização do trabalho como alternativa para sustento ou complementação de renda. Esse tipo de trabalho plataformizado, realizado "na rua", tem predominantemente a participação masculina. No entanto, as mulheres também estão inseridas na revolução técnico-científica e nas novas formas de trabalho que surgiram a partir dela através do home office, que nada mais são do que formas de vilipêndio disfarçadas de benfeitorias e inclusão.

Como vimos, ainda que resumidamente, as mulheres têm sido absorvidas pelo mercado de trabalho home office no Brasil principalmente as brancas escolarizadas (é preciso destacar que essas reflexões apresentadas aqui não detêm as particularidades do recorte racial) as empresas usando a pauta de inclusão de gênero neste tipo de mercado de trabalho acabam por trazer as mulheres para o espaço da reprodução contribuindo para o seu isolamento no âmbito doméstico e a sobrecarga de tarefas, entre tantas outras fragilidades.

Por fim, sabemos que essas reflexões não esgotam o assunto, mas ela contribui para que cada vez mais apareça para a sociedade a urgência de repensar em como o mundo do trabalho capitalista tem disfarçado a divisão sociossexual existente, reforçado o padrão de gênero e o patriarcado se apropriando do discurso de inclusão feminina, mas desde seu início desapropriando as mulheres de suas terras e até hoje apreendendo a força de trabalho feminina de modo intensamente precário. Essa realidade presente durante todo o processo histórico não pode ser esquecida, temos enquanto mulheres e pertencentes à classe trabalhadora nos mantermos vigilantes, atentas, unidas, rebeldes e acima de tudo lutarmos por uma igualdade substantiva na sociedade capitalista.

## Referências



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ANTUNES, Ricardo (org.). 2020. Uberização, trabalho digital e a indústria 4.0. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 333 pp.

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020

BRIK, Marina Sell; BRIK, André. Trabalho Portátil: produtividade, economia e qualidade de vida no home office das empresas. Curitiba, PR: Edição do autor, 2013.

COLODETTI, Ana Paula de Oliveira Amaral. MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. As relações de gênero no contexto socioeconômico e cultural brasileiro: estudos com mulheres motoristas de aplicativos e mobilidade urbana. Caderno Ebape.BR v.19 nº4 Rio de Janeiro, Out.dez.2021

COSTA, Renata Gomes da. CARRIJO, Josiley. Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo. Temporalis, Brasília (DF), ano 21, n. 42, p. 77-93, jul./dez. 2021.

ECONOMIA SANTA CATARINA. Home Office e mulheres: elas ganham mais flexibilidade. Disponível em:  
<https://economiasc.com/2024/03/05/home-office-e-mulheres-elas-ganham-mais-flexibilidade/>  
acesso em 18 de jun.2024

FEDERICCI, F. Mulheres e Caça às Bruxas. Trad: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo,2019. Parte 1, Subitem 3. Caças às bruxas, cercamentos e o fim das relações de propriedade comunal, p. 52-61.

IAMAMOTO, M.V. A questão social no capitalismo. Temporalis, Ano 2, n. 3. Brasília (DF): ABEPSS, 2001.

LABRONICI, Rômulo Bulgarelli. ANTUNES, Ricardo (org.). 2020. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. 1. ed. São Paulo: Boitempo. Mana [online]. 2021, v. 27, n. 1

MARX, K. O capital – crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital. São Paulo, Boitempo, 2017.

MUNDO MARKETING. Mulheres lideram preferência por modelos de trabalho home office no Brasil. Disponível em:  
<https://www.mundodomarketing.com.br/mulheres-lideram-preferencia-por-modelos-de-trabalho-em-home-office-no-brasil/> acesso em 19 de jun.2024

REVISTA EXAME. Como a flexibilidade no trabalho ajudaram essas mulheres a chegarem em



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

cargos de liderança? Disponível em:  
<https://exame.com/carreira/como-o-trabalho-hibrido-e-home-office-ajudou-essas-mulheres-a-chegarem-em-cargos-de-lideranca/> acesso em 18 de jun.2024